

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

MEG CABOT

O Diário de uma Princesa Improvável

Paixão Real



«Uma história doce, fantástica e divertida que será um prazer ler!»
Kirkus Reviews

booksmile

Segunda-feira, 23 de novembro

10h30

Real Academia de Genovia

Línguas Estrangeiras



Então, vou ser tia.

Nunca me imaginaria a escrever estas palavras há um ano.

Mas existem muitas palavras que nunca imaginei escrever — ou dizer —, tais como:

- o «Sou uma princesa.»
- o «Monsieur Henri, por favor, traga a limusina. Daqui a meia hora tenho de estar na grande abertura do primeiro Starbucks de Genovia.»

- o «Não, pai. Obrigada. Não quero ir outra vez pescar salmão contigo para a Islândia este fim de semana, mas obrigada pelo convite.»

De tudo isto, o facto de estar prestes a ser tia (especialmente aos 13 anos, idade que terei daqui a exactamente cinco dias) parece-me ser o mais estranho.

Mas ainda mais estranho é o facto de ser tia de gémeos da realeza. É sobre isso que toda a gente fala atualmente.

A sério. Não consegues navegar na Internet sem ver uma publicação de uma celebridade — desde a Kim Kardashian ao presidente — a tentar adivinhar o sexo dos bebés reais da Princesa Mia de Genovia, ou os nomes que ela e o marido, o Michael, vão escolher.

É tão confuso para mim que completos estranhos se preocupem tanto com coisas que não lhes dizem respeito. A maior parte deles nem sequer vive em Genovia!

Pronto, tudo bem, sei que não nascem gémeos da realeza todos os dias, mas em Las Vegas começaram a fazer-se apostas sobre o sexo dos bebés, os nomes escolhidos para eles e a data de nascimento!

A aposta que está a ganhar é a de que serão duas meninas chamadas Clarisse e Mignonette e que nascerão no dia 3 de dezembro.

Não que a Mia e o Michael estejam a fazer alguma coisa para alimentar esta loucura. O oposto, de facto: não publicaram as ecografias dos bebés nas suas páginas de *Facebook* (nem sequer têm páginas de *Facebook* — apesar de haver uma página do Palácio de Genovia, onde podes informar-te sobre o horário de abertura ao público).

Ainda nem sequer contaram a ninguém da *família* sobre o sexo ou até sobre o nome dos bebés! Tudo o que nos disseram foi a data de nascimento (daqui a duas semanas). Tudo isto fez com que a Grandmère ficasse muito irritada:

— Isso só *nos* atrapalha as coisas! Se nem sei o nome dos bebés, como é que posso ir à *Tiffany* pedir para gravar as iniciais nos cetros de ouro em miniatura que lhes encomendei? Compreendo o porquê de vocês não quererem que o resto do mundo saiba, Amelia, mas não percebo que mal faz dizerem-me, *a mim*, os nomes deles!

Mas a verdade é que não era boa ideia dizer os nomes dos bebés à Grandmère. Sempre que a Mia sugeria um nome em frente à nossa avó, ela dizia «Oh, não. Não

podes chamar *isso* aos teus filhos. Tive aulas com uma rapariga com esse nome, e ela costumava:

- Mastigar de boca aberta.
- Exibir as suas pernas superflexíveis no recreio.
- Gabar-se das suas malas *Chanel*.

Não podes pôr o peso *desses* nomes nos ombros dos teus filhos!»

Isto aconteceu tantas vezes que a pressão arterial da Mia começou a aumentar... tanto que a obstetra da realza teve de lhe recomendar repouso, para o bem da saúde dos bebés. A médica não a deixou cumprir os seus deveres reais *ou* receber visitas que pudessem ser stressantes...

Isto acabou por incluir a Grandmère.

Podes imaginar quão descontentes ficaram algumas pessoas (maioritariamente a Grandmère) com esta situação.

Mas resultou. Os níveis da pressão arterial da Mia estão agora quase normalizados (contudo, a médica continua a preferir que ela se mantenha na cama).

Como bónus, tenho visto quase todos os filmes para adolescentes que estrearam até ao dia de hoje! Como fui

considerada uma pessoa calma o suficiente para poder visitar a Mia, e como ela se deu conta de que a minha diversão tem sido tristemente negligenciada, temos visto filmes não-violentos no seu quarto praticamente todos os dias.

De qualquer forma, tendo em conta tudo o que descrevi acima, não deveria ter ficado surpreendida quando a conversa pelo *Skype* com a minha amiga Nishi se resumiu basicamente à minha irmã e aos bebés.

O *que* realmente me surpreendeu foi a forma grosseira com que ela trouxe o assunto à baila:

— Vi uma foto da tua irmã no *Belezas do Mundo* ontem à noite — disse a Nishi.

— Como? — perguntei. — Ela está em repouso absoluto. Não saiu de casa.

— Acho que lhe conseguiram tirar uma fotografia através de uma das janelas do palácio com uma lente de longo alcance. Ela engordou tanto! Fiquei chocada. Um dos bebés *tem* de ser um rapaz.

— *Desculpa?*

Não podia acreditar no que estava a ouvir. A Nishi vive na América, por isso se quisermos falar, temos de telefonar através do *FaceTime* ou do *Skype*.

Sei que não devia falar via *Skype* durante a aula de Línguas Internacionais e que, em vez disso, devia praticar o meu alemão. Mas, digo em minha defesa que todos tinham os seus auscultadores postos, incluindo a Madame Chi, por isso não havia hipótese de me ouvirem e, de qualquer forma, eu já tinha terminado os meus exercícios de alemão.

— Estou só a dizer que a tua irmã está gorda como um pote! Está demasiado gorda para ter duas meninas. A minha mãe diz que quando uma grávida está assim tão gorda é porque vai ter rapazes. Ou um rapaz e uma rapariga, pelo menos — continuou a Nishi, alheia a quão chateada eu estava por ouvi-la chamar «gorda» à minha irmã.

É obvio que não tive outra opção senão fazer o que fiz a seguir. Era uma questão de orgulho familiar.

— Estás enganada — disse, com as minhas bochechas a arder. — Estás tão enganada. *Aposto* contigo como estás enganada.

— O quê? — A Nishi parecia confusa. — *Apostar* comigo? Queres *apostar* comigo como estou enganada?

— Sim — respondi.

Percebo o porquê de a Nishi ter ficado surpreendida. É considerado «de mau tom» um membro da realeza

fazer apostas. Da última vez que a Nishi me veio visitar a Genovia — no verão — um dos meus primos (tenho tantos primos que nem eu os consigo distinguir bem) foi apanhado num escândalo que envolvia apostas de cavalos, e a Grandmère não se calava sobre o facto de ele ter atirado a família para a desgraça e sobre o que iríamos nós fazer depois do sucedido. Bom, mas aquilo já era de esperar, uma vez que ele pertencia ao lado italiano da família, ala essa que é conhecida por agir sem pensar e *etcétera*.

E ali estava eu, não só a fazer apostas, como a fazê-las sobre o sexo dos gémeos ainda por nascer da minha irmã!

Mas, em minha defesa, todos faziam o mesmo. Até já correu o rumor de que o Lars, o guarda-costas da minha irmã, apostou com a Serena, a minha guarda-costas, que os bebés seriam rapazes e que a minha irmã daria o nome de Michael a um deles, em homenagem ao marido, e Phillipe ao outro, em homenagem ao pai, ao que a Serena soltou uma longa gargalhada, aceitou a aposta, e depois disse-lhe que, se ele perdesse, queria o dinheiro da aposta em dólares americanos e não em euros.

— Aposto o que tu quiseres em como os bebés vão ser duas meninas — informei a Nishi.

A Nishi parecia ainda mais surpreendida. Estava no seu quarto, em Nova Jérsia. Devido à diferença de fuso horário entre Genovia e a América, ela ainda não tinha saído para a escola. A única razão para estar acordada tão cedo era para falar comigo.

— Tudo o que eu quiser? — questionou ela, levantando as sobrancelhas.

— Claro — respondi, sem pensar nas consequências (o que, devo dizer, é muito raro em mim; normalmente, sou muito ponderada, uma típica Sagitário). — É só dizeres.

— Ótimo! — exclamou a Nishi. — Então, se eu estiver certa e um dos bebés for um rapaz, quero quatro fotografias da minha paixão, o Príncipe Khalil.

E foi então que me dei conta de que cometera um grande erro. Um GRANDE erro.

— Espera. O quê?

— Ouviste muito bem — disse a Nishi. — Quero quatro fotografias do Príncipe Khalil tiradas por ti. Quero duas dele a sorrir, uma dele com um ar sério, porque, tu sabes, ele fica mesmo giro com aquele ar sério quando

está pensativo e com as sobrancelhas rígidas no meio, e outra dele a sorrir com o pôr do sol ao fundo, de preferência sem t-shirt.

— Mas... mas... — Onde fui eu meter-me? — Isso é...

— Isso é o quê? — demandou a Nishi. — Disseste que podia pedir o que quisesse, e é isso que eu quero.

— Mas porquê? — gritei, e depois dei-me conta de que gritara demasiado alto... Várias pessoas sentadas ao meu lado na aula de línguas, incluindo outra prima minha, a Menina Luisa Ferrari, viraram-se para mim, questionando a situação, já que eu não estava, definitivamente, a falar em alemão. Curvei os ombros para tapar o ecrã do meu computador e baixei o tom de voz. — Porquê, Nishi? — sussurrei. — Por que razão queres fotos do Príncipe Khalil? Pensava que gostavas de um rapaz da tua turma de Inglês, um tal de Dylan ou algo do género.

— E gosto — esclareceu. — Mas posso gostar de mais do que um rapaz ao mesmo tempo, não posso? Estamos no 7.º ano, Olivia, não na faculdade. É *suposto* gostarmos de vários rapazes ao mesmo tempo.

Suspirei e dei-me conta de que a Nishi está ainda mais louca por rapazes do que na última vez que a vi.

Não que haja alguma coisa de errado em ser-se louca por rapazes, ou raparigas. Isto é algo que acontece às pessoas. Quero dizer, consigo perceber: toda a gente cresce e muda à medida que envelhece; não há nada a fazer quanto a isso. Olha para mim: já cresci *cinco centímetros* desde a última vez que vi a Nishi. O meu fato de equitação já quase não me serve.

Fizemos planos de nos vermos novamente em breve — na cerimónia de coroação da minha irmã, mais precisamente. Desde que o pai abdicou do trono para poder passar mais tempo comigo (perdeu anos importantes da minha infância), a Mia teve de assumir o comando.

Mas, depois, a coroação foi adiada, porque os médicos da realeza não queriam que a Mia colocasse em perigo a sua saúde ou a dos bebés ao ficar em pé muito tempo na longa cerimónia na sala do trono, já que esta nem sequer ar condicionado tem. É demasiado velha.

(Esta não é a desculpa oficial dada pelo palácio. Decidiram dizer que a cerimónia de coroação seria a 31 de dezembro, para que pudessem poupar dinheiro ao combinarem o fogo de artifício do Ano Novo com o fogo de artifício da coroação da Mia. Mas eles sabiam perfeitamente que os bebés já teriam nascido por essa

altura, o tempo estaria mais fresco e podiam amontoar mais pessoas na sala do trono sem que morressem de sobreaquecimento.)

Assim, reagendámos a visita da Nishi para o meu baile de aniversário, este fim de semana.

Mas agora os pais dela não a querem deixar vir porque tirou um *Insuficiente* a Inglês — o que não percebo, tendo em conta que o inglês é a nossa língua-mãe.

A Nishi argumenta que a culpa é do Dylan, cujos lábios giros a distraem, tornando muito difícil a sua concentração.

Portanto, consegues perceber o porquê de eu ter achado tão estranho o facto de ela pedir fotos do Príncipe Khalil, sem t-shirt, se ganhar a aposta.

— Como vou eu fazer isso, Nishi? Como vou eu conseguir fotos do Príncipe Khalil sem t-shirt e a sorrir em frente ao pôr do sol?

— Não sei — respondeu. — Isso não é problema meu. Foste tu quem fez a aposta. Podes simplesmente pedir-lhe para ficar em frente ao pôr do sol sem t-shirt e a sorrir! Pensei que vocês os dois eram amigos... a não ser que... Espera aí. — Os olhos da Nishi abriram-se muito. — Olivia, *tu* gostas dele?

— O quê? — gritei. — Não! Claro que não. De que raio estás a falar?

— Bem — disse ela —, vocês dançaram juntos no casamento da tua irmã...

— Sim — concordei. — Mas nunca *saímos juntos* nem nada do género. Éramos apenas amigos.

— *Eram?* — ecoou a Nishi. — Já não são?

— Sim — respondi. — Quero dizer, não. Quero dizer... não sei. Os rapazes são muito difíceis, por vezes.

— Ah! — deixou sair uma gargalhada sarcástica. — A quem o dizes! Os rapazes são um enigma embrulhado em mistério.

Ela não estava a brincar.

E era especialmente verdade no caso do Príncipe Khalil. Veio visitar-me algumas vezes no verão, jogámos ténis de mesa flutuante na piscina e falámos sobre autotomia (a capacidade que os lagartos têm de largar as suas caudas quando são ameaçados por um predador), sobre filmes e coisas do género.

E depois, de repente, deixei de o ver. Mandou-me uma mensagem a dizer que tinha de «ir para casa», e foi apenas isso.

Voltei a vê-lo quando as aulas começaram, e ele disse-me «olá», mas não sorriu nem quis saber se o Carlos, a minha iguana, estava bem.

Não que estivesse a ser mau para mim, mas algo mudou. A ligação que achei sentir quando começámos a falar do Carlos, quando dançámos juntos no casamento da Mia ou quando jogámos ténis de mesa flutuante no verão tardio resultou em... nada.

Portanto, agora, não sei o que se passa.

— Bem, como queiras — disse à Nishi. — Não interessa, pois vou ganhar esta aposta de qualquer forma. E quando ganhar, vais enviar-me um grande frasco de manteiga de amendoim, já que não temos disso cá em Genovia.

A Nishi bufou.

— O quê?! Porque não?

— Não sei — respondi, com um encolher de ombros. — Temos *Nutella* em alternativa.

— Mas... *Nutella* é bem melhor do que manteiga de amendoim — declarou. — Mas tudo bem, temos aposta.

Ter-lhe-ia perguntado que outras coisas andavam as pessoas a dizer da minha irmã, mas a voz da Madame Alain soou no altifalante para um comunicado importante, pelo que tive de desligar e prestar atenção.

Provavelmente, foi melhor assim, uma vez que tudo o que a Nishi dizia só me fazia ficar irritada. As pessoas dizem as coisas mais parvas de sempre, especialmente sobre os membros da realeza.

Segunda-feira, 23 de novembro

11h15

Real Academia de Genovia
Ainda em Línguas Estrangeiras



Quando a Madame Alain disse que tinha um importante comunicado a fazer, devia ter percebido logo que não vinha por aí coisa boa.

Não sei porque é que achei que seriam boas notícias, do género de ir embora mais cedo por causa do nascimento das novas princesas de Genovia (apesar de ter obrigado o meu pai a prometer-me que se a Mia entrasse em trabalho de parto enquanto eu estivesse nas aulas, sairia imediatamente da escola e iria para o hospital, para que pudesse ser uma das primeiras pessoas

a conhecer os bebés; assim, eles nunca mais se esqueceriam de mim e seguir-me-iam para todo o lado como dois patinhos).

Mas não. O comunicado não tinha nada a ver com isso.

Em alternativa, era algo mais do género:

— Suas Majestades, Altezas, Meninos, Meninas, Cavalheiros Reais, lamento muito informar-vos que apenas recebi 27 autorizações para a participação nos Jogos de Inverno das Escolas Reais em Stockerdörfl que vão realizar-se esta semana — disse a Madame Alain depois da chiadeira, rangido e gemidos acabarem ao redor do intercomunicador.

A Real Academia de Genovia é uma escola muito sofisticada, com propinas bastante avultadas (exceto para os 200 e tal alunos refugiados que foram recentemente admitidos, uma vez que eles estão isentos de pagar o que quer que seja), mas também faz parte de um edifício que fora construído antes dos sistemas de som (ou eletricidade) serem inventados, portanto sofre de vários problemas técnicos.

— Como vocês sabem, a não ser que eu receba, pelo menos, mais 30 autorizações de todos aqueles que se

inscreveram para a viagem na semana passada, a participação da Real Academia de Genovia nos Jogos de Inverno das Escolas Reais será cancelada devido à falta de participantes.

Claro que, assim que ouviu o nome da sua terra natal, o Príncipe Gunther Lapsburg von Stuben de Stockerdörfel levantou-se e lançou o punho ao ar, o que fez com que algumas das raparigas mais novas da aula de línguas soltassem gritinhos. (O Príncipe Gunther é considerado extremamente bem-parecido para um miúdo do 7.º ano.)

Isto irritou a minha prima, a Luisa, que presenteou as meninas com um olhar vil. Ela e o Príncipe Gunther são namorados desde junho, apesar de «namorados» significar, no 7.º ano da Real Academia de Genovia, «andar de mãos dadas». Mais do que isso vai contra o «código de honra» da escola. Se fossem apanhados em flagrante, a diretora da escola, a Madame Alain, provavelmente expulsá-los-ia, e eles não teriam outra opção senão frequentar a Real Academia Suíça, ou pior — para a Luisa — a escola pública de Genovia.

A Luisa agarrou o Príncipe Gunther pelo braço e voltou a sentá-lo no seu lugar. Ele parecia confuso, sem saber — como sempre — o que fizera para a irritar.

— Vai ser *cancelada* — gritou a Luisa ao ouvido do Príncipe Gunther. — Ela acabou de dizer que a nossa viagem para os Jogos vai ser *cancelada*. Porque estás tão feliz?

O Príncipe Gunther pareceu ficar tão magoado como se alguém lhe tivesse dado um murro no estômago.

— Cancelada? Não!

A Luisa revirou os olhos. Tirando o facto de os Jogos significarem faltar às aulas por alguns dias, ninguém na Real Academia de Genovia se importava muito com isso... Ninguém exceto o Príncipe Gunther.

— Sei quão entristecedor isto pode ser para alguns de vocês — continuou a Madame Alain através do intercomunicador, quase como se tivesse conseguido ver o ar de tristeza estampado no rosto do Príncipe Gunther. — Fico extremamente desiludida por muitos de vocês parecerem não ter o orgulho na nossa escola que eu esperava que os estudantes da Real Academia de Genovia tivessem.

» Mas a questão não se prende apenas com o facto de não termos autorizações suficientes. Esta doença a que muitos de vocês se referem como *La Grippe*, quando, na verdade, se trata apenas de uma simples constipação, atingiu vários dos nossos atletas mais capazes. A Princesa

Charlotte da nossa equipa de esqui de fundo, a Condessa Gerante da nossa equipa de hóquei feminino e até mesmo a Menina Marguerite, que está aparentemente demasiado doente para segurar uma câmara fotográfica e tirar fotografias para o livro anual escolar, o que a mim me parece difícil de acreditar. Mas é o que temos.

Ergui uma sobranceira. A Menina Marguerite é outra das minhas primas. Sabia que não se andava a sentir muito bem, mas também sabia que ansiava muito por fazer esta viagem. (Queria escapular-se do teste de Álgebra de sexta-feira.)

Ela devia estar mesmo doente.

La Grippe é uma gripe particularmente nojenta que chegou à nossa escola, assim como à costa mediterrânea. É pronunciada como *La Grip*, mas soa ainda mais nojento quando alguém como a Grandmère ou a Madame Alain a pronuncia, porque ambas dobram o «r» e transformam o «i» curto num «i» mais longo, o que acaba por resultar em *La Grrriiiiiip*.

Argh!

Metade da população estudantil da Real Academia de Genovia parece ter sido vítima da *La Grippe*, assim como alguns docentes e pessoal administrativo.

É tão forte que começou a afetar outras coisas na escola para além da viagem aos Alpes:

— Além do mais — continuou a Madame Alain —, uma vez que o meu assistente, o Monsieur Gerard, esteve demasiado doente para vir trabalhar na semana passada, não conseguimos reservar os vossos lugares para o almoço de hoje. Pelo que poderão sentar-se onde vos apeteça. Muito obrigada, e lembrem-se: a conduta é muito importante!

Apesar de as paredes da RAG terem quase um metro de espessura, ouviam-se os aplausos nas salas de aula da escola secundária, ao lado da pré-escola (que ficava do outro lado do pátio, noutra edifício). Normalmente, os lugares no restaurante da Real Academia de Genovia estão marcados (como num casamento), para que não formemos «grupos».

A Madame Alain *odeia* grupos. Ela acha que uma parte importante da nossa educação de «líderes do amanhã» é constituída pelo desenvolvimento da habilidade de termos conversas educadas com *qualquer um* — do mais jovem aluno do 6.º ano ao mais velho aluno finalista — e ela cumpre a sua ideia ao marcar lugares, forçando-nos a almoçar com diferentes pessoas todos os dias.

Mas hoje íamos ter a oportunidade de nos sentarmos onde quiséssemos. Embora tivesse pena do assistente da Madame Alain, esta afigurava-se como uma das vantagens de *La Grippe*.

Portanto, parece-me que nem *todas* as notícias foram más... Pelo menos, não para mim. Contudo, algumas pessoas ficaram realmente chateadas.

— Madame Chi — gritou o Príncipe Gunther, pondo-se de pé. — Se os doentes com *La Grippe* puderem ser substituídos, há possibilidade de irmos a Stockerdörfl na quarta-feira?

A Madame Chi, sentada na parte da frente do auditório de línguas, parecia ela própria padecer de *La Grippe*. Esfregava as têmporas com as pontas dos dedos e bocejava tão pesarosamente que um caracol mais rebelde se soltou do coque apertado que usava sempre no topo da cabeça.

— Bem, Sua Alteza, não sei... é terrivelmente em cima da data. Mas suponho que possa sempre perguntar.

O Príncipe Gunther virou-se para olhar para o resto da turma.

— Vá lá, pessoal! — choramingou. — Sei que vocês conseguem fazer melhor do que isto. Mostrem o vosso

orgulho nesta escola! Peçam aos vossos pais para assinarem a autorização. *Temos* de ir aos Jogos. E temos de derrotar a RAS e ganhar!

RAS é o acrónimo de Real Academia Suíça, que compete todos os anos contra a Real Academia de Genovia nos Jogos de Inverno, uma espécie de Jogos Olímpicos para todas as escolas da realeza da Europa. (A RAS varreu a maior parte das medalhas no ano passado. Percebo o porquê de terem ganhado a competição de espírito de equipa, pois mostraram melhor desportivismo que a RAG ao usarem uniformes iguais e ao gritarem «Vamos, equipa. Vamos, RAS, RAS, RAS!» durante toda a competição. Isto era impensável para qualquer estudante da RAG.)

Este ano, os Jogos vão ter lugar na vila da montanha austríaca de Stockerdörfel, terra do Príncipe Gunther, que fica a uma pequena viagem — bem, OK, a uma viagem de 14 horas — de comboio desde Genovia. Os pais do Príncipe Gunther, o Príncipe Hans e a Princesa Anna-Katerina Lapsburg von Stuben, vão entregar as medalhas na cerimónia de encerramento.

Por isso, consigo perceber o porquê de o Príncipe Gunther estar tão entusiasmado. Se os Jogos tivessem

lugar em Genovia, com a minha família a entregar as medalhas, eu teria ficado ainda mais entusiasmada.

Mas apesar do discurso apaixonado do Príncipe Gunther sobre derrotar a RAS, todos (exceto eu) retiraram os telemóveis dos bolsos e começaram a escrever mensagens... não a pedir aos pais para assinarem a autorização, mas a perguntarem uns aos outros onde se iriam sentar para almoçar.

Acho que a Madame Alain tem razão: a RAG não tem qualquer espírito escolar.

E tenho medo de estar incluída nesse grupo. Evitei cuidadosamente mencionar o que quer que fosse sobre os Jogos ao meu pai, à minha madrastra, à Grandmère ou à Mia. Porque haveria eu de querer ir a uma competição parva de miúdos quando a minha irmã pode dar à luz gémeos da realeza A QUALQUER MOMENTO? Especialmente tendo em conta que os recém-nascidos não conseguem ver assim muito bem (de acordo com os livros sobre maternidade da minha irmã). Eles começam a habituar-se àqueles que estão mais próximos nos primeiros dias das suas vidas ao ouvirem as suas vozes.

Nem pensar em deixar Genovia e perder esses momentos.

Segunda-feira, 23 de novembro

13h15

Almoço na Real Academia de Genovia



Oh, céus.

Assim que a campainha tocou para a hora de almoço, ao mesmo tempo que eu gritava à Princesa Komiko para esperar por mim, virei-me para ir buscar a minha mochila, de que me tinha esquecido, e dei um encontrão ao Príncipe Khalil.

Estou muito mais graciosa agora (na minha opinião) do que no ano passado, quando a Senhora Justine, a professora de dança da RAG, desistiu de me tentar ensinar a dançar adequadamente a dança folclórica genoviana.

Mas continuo a embater em coisas, de vez em quando.

E hoje, bati mesmo contra o Príncipe Khalil Rashid bin Zayed Faisal.

Contudo, foi simpatiquíssimo comigo. Curvou-se para me ajudar a apanhar o material que caiu da minha mochila e fez de conta que não reparou na minha expressão de pateta.

Até me perguntou, a olhar para mim com a sua expressão triste e pensativa que adotou desde o primeiro dia de aulas do novo período:

— Está tudo bem contigo, Princesa Olivia?

— *Comigo?* — guinchei ao mesmo tempo que reunia todas as cábulas de Alemão que fiz para mim própria, para me lembrar do vocabulário. — *Está* tudo bem. E *contigo?*

Sorriu. Foi praticamente a primeira vez que o vi a sorrir durante todo o período, e o vislumbre do seu sorriso fez o meu coração cantarolar.

Mas, apesar disso, ainda havia algo um pouco triste no seu sorriso, e aquilo entristeceu-me também.

— Também está tudo bem — respondeu. — Pareces muito entusiasmada.

— Oh — disse eu. — *Estou* mesmo entusiasmada!

— Por causa dos Jogos de Inverno das Escolas Reais?

— O quê? Não! — fiz um trejeito. — Porque hoje vamos poder sentar-nos a almoçar onde nos apetecer!

O seu sorriso ficou confuso.

— Espera... então não vais aos Jogos?

— Oh, céus, não — respondi. Depois, reparei que o seu sorriso desapareceu completamente, e fui apresentada com um olhar que parecia o mais triste de sempre. — O que quis dizer foi... — O que teria dito eu de errado? Estaria o Príncipe Khalil desapontado com a minha falta de espírito escolar? — Não posso ir. Tenho de ficar em Genovia até os gémeos da minha irmã nascerem. Temos de estar todos aqui para o nascimento. Vou ser tia, tu sabes.

As suas sobrancelhas escuras, que se ergueram quando eu disse que não ia aos Jogos, relaxaram depois de explicar o motivo.

— Oh, faz sentido — disse ele.

— Faz? — Ri-me, um pouco nervosa. Continuei petrificada por me ter esbarrado contra ele, mas também um pouco assustada por sermos as únicas pessoas no auditório de línguas. Uma coisa era estar sozinha com ele quando éramos amigos e falávamos tão facilmente sobre

o nosso amor mútuo por iguanas. Outra coisa completamente diferente era estar sozinha com ele agora, uma vez que havia uma estranha distância a crescer entre nós.

— Tenho a certeza de que as pessoas me vão começar a chamar pateta quando descobrirem — disse eu, pondo-me de pé, com a mochila segura. — Mas prefiro ficar em casa com a minha irmã e os bebés, quando os tiver, do que ir esquiar para os Alpes. — Sorri para ele de uma forma completamente desajeitada.

No entanto, ele não sorriu de volta.

— Não acho nada estranho queres ficar perto da tua família. E nunca achei que eras pateta, Olivia. Aliás, acho exatamente o oposto. Vais ver... — anunciou, pondo-se igualmente de pé.

Mas em vez de me dizer o que eu ia ver, foi-se embora. Limitou-se simplesmente a pôr a mochila às costas, a virar costas e a sair do auditório de línguas.

E assim foi. Assim terminou a nossa conversa.

Não quero parecer sexista nem nada que se pareça — a minha irmã diz que fazer comentários pejorativos baseados no género das pessoas chama-se «sexismo» — mas os rapazes conseguem ser mesmo estranhos, por vezes.

(No entanto, acho que o mesmo se aplica às raparigas.)

Agora, é melhor pousar a minha caneta, porque é má educação escrever no diário quando é suposto estar a almoçar com alguém. (Pedi à Princesa Komiko para se sentar ao pé de mim, e ela deve estar a questionar-se o que tenho eu andado a escrever o tempo todo em que devia estar a falar com ela sobre as nossas saladas mediterrânicas.)



A Princesa Olivia está no meio de uma valente confusão!

A Olivia Grace Clarisse Mignonette Harrison vai fazer 13 anos e está, finalmente, a habituar-se à sua nova vida de princesa. Em breve, fará uma viagem escolar para participar nos Jogos de Inverno das Escolas Reais. O problema é que os gémeos da Princesa Mia — a sua meia-irmã — estão quase a nascer, e esta é a pior altura para a Olivia se ausentar de Genovia.

Mas este não é o único problema da Princesa Olivia! Ela terá ainda de lidar com a supervisão implacável da Grandmère, as queixas constantes da prima Luisa e os rumores sobre uma possível paixão entre ela e o Príncipe Khalil. Na verdade, tudo está transformado numa *valente confusão real!*

Conseguirá a Princesa Olivia estar à altura de todos os desafios e perceber o que sente o seu coração?



 livros que saltam à vista 20 20 editora	ISBN 978-989-707-503-2 9+  9 789897 075032 Literatura Juvenil
---	--